

O proceder da pesquisa: quais as relações entre problemática, dissertação e corpus?

Véronique Dahlet

Laboratório Corpus: fontes de estudos da linguagem
Universidade de São Paulo (USP)

Constituir um corpus procede de uma metodologia, ou maneira de proceder¹. Ora, esta varia em função dos tipos de pesquisa que podemos, a meu ver, reduzir a três categorias principalmente: a pesquisa projetiva, a pesquisa confirmatória e, enfim, a pesquisa inovadora.

A pesquisa *projetiva* diz respeito a disciplinas tais como a física (por exemplo, as ciências da terra) e a química (biológica notadamente); ela é, para retomar Einstein caracterizando seu próprio método, conduzida ao mesmo tempo pelo cálculo e pela imaginação e se desenrola ao longo de décadas, até a descoberta de um dado novo que redefinirá profundamente a disciplina. Esse tipo de pesquisa, entender-se-á sem dificuldade, não é aplicável às ciências humanas – e no que concerne a nós, à lingüística e à literatura que, por natureza, são evolutivas e às quais convêm, em contrapartida, as pesquisas confirmatórias e inovadoras.

1. Defino a pesquisa *confirmatória* como aquela que tem como objetivo analisar o produto linguageiro (literário ou não) sob a luz de uma teoria já legitimada na comunidade científica e reconhecida por seu porte epistemológico. Nesse caso, a busca do corpus fica estreitamente determinada pelo teor do discurso teórico sobre o qual se apoia a pesquisa, isto é, convirá

qualquer corpus em que conste uma alta frequência de fenômenos dos quais a teoria dá conta. Limitando-me a um só exemplo, refiro a semiótica como foi formalizada por Greimas; singularmente, ao quadrado semiótico cujos percursos entre contrários e contraditórios permitiu entender as relações profundas que, na superfície do texto, organizam as relações e os valores entre os objetos (no sentido lógico da palavra) do mundo. Depois da publicação de **Du Sens I**, **Du Sens II** e **Du Sens III**, um número impressionante de dissertações de Mestrado e de Doutorado se propuseram a aplicar a teoria greimassiana. É o que entendo por pesquisa confirmatória, pois consiste na aplicação de uma teoria a um corpus constituído para este fim. Essa estratégia cria geralmente uma alternativa:

(a) ou o pesquisador se limita ao puro exercício de aplicação e, para isso, se esforça por submeter, a qualquer preço, a análise dos fenômenos do corpus à teoria em questão, mesmo se for preciso *desperceber* os que não se conformam a ela;

(b) ou, se o pesquisador constatar uma falta de conformidade total do corpus à teoria de partida, esse segundo termo da alternativa, por sua vez, gera uma nova alternativa: (b.a) ou o pesquisador chama uma outra teoria como complementação à primeira; (b.b.) ou chega a reformular parcialmente a teoria (seja por acréscimos, seja por uma adaptação mais livre), orientado pela materialidade do produto linguageiro, ou seja, pela materialidade do corpus.

Dessa alternativa (a – b) decorrem procedimentos no recorte do corpus. Com efeito, no caso (a), a constituição do corpus opera uma montagem seletiva, de tal modo que o corpus constituído torna-se exemplar por ter sido cortado, por assim dizer, sob medida. No caso (b), percebe-se que o corpus deixa de ser considerado meramente comprobatório para tornar-se complexo; afasta-se do estatuto de processado para aproximar-se de uma função processadora. Essa modificação no tratamento do corpus nos leva ao terceiro tipo de pesquisa, qualificada por mim como inovadora.

2. Entendo por pesquisa *inovadora* aquela que tenta conseguir, ao longo do seu percurso, manter uma dinâmica dialógica entre os pólos, sendo eles o objeto da pesquisa (sua proposta), o embasamento teórico e o corpus, tanto do ponto de vista cronológico quanto do hierárquico. Entretanto, antes de ir mais adiante, cabe, primeiramente, lembrar as funções respectivas destes três pólos e, em segundo lugar, distinguir as motivações iniciais que levam à pesquisa.

2.1. O objeto da pesquisa se desdobra em dois momentos. O primeiro concerne a problemática, ao passo que o segundo momento consiste em delinear-la ao longo da dissertação. Entende-se a problemática como um conjunto de indagações cujos elementos são ligados, e é justamente essa ligação de elementos que orientará a dissertação, prefigurando as etapas do seu desenvolvimento. Por sua vez, o embasamento teórico tem a função de assentar o objeto da pesquisa, ou, em outras palavras, de ligá-la a uma elaboração conceitual, pois não haveria virtude alguma em uma análise rigorosamente singular – se admitirmos que isso possa existir –, ou seja, que não levasse nem a uma representação integradora, nem a uma possibilidade de reiteração/generalização. Enfim, o corpus se apresenta como materialidade que é necessário fazer significar, destacando-se do pano de fundo composto do entrecruzamento da problemática com a teoria.

Por mais esquemática e às vezes redutora que seja, esta apresentação mostra em que medida os caminhos procedurais trilhados em função do tipo de pesquisa regulam de antemão o jogo entre teoria, projeto de pesquisa e corpus. No entanto, outro aspecto a ser

contemplado em relação com o corpus diz respeito àquilo que leva a iniciar uma pesquisa². A gênese de uma pesquisa parte quer da sedução de uma teoria, quer da sedução de um corpus.

2.2. No caso da *sedução de uma teoria*, trata-se de despertar uma sedução reativa, propiciando uma investigação mais rica do que na pesquisa confirmatória. A dimensão reativa consiste em formular uma série de indagações propiciadas pela teoria; essas vêm nortear, num primeiro momento, a constituição do corpus. Dessa forma, a problematização torna-se o campo de diálogo entre os demais pólos: é nesse quadro que o corpus é dotado do seu pleno papel. Com efeito, é teoria o que já está sedimentado, ainda que no nível conceitual, ao passo que o corpus é um objeto vivo, opondo resistências, não só para seu estabelecimento mas também, quando já estabelecido, percebe-se o próprio estabelecimento interno em processo. Isso porque o corpus, mesmo acabado, não deixa de ser uma formação discursiva, ela mesma inserida numa rede de outras múltiplas formações discursivas.

Assim, no caso da sedução de uma teoria, resta montar o corpus (sobretudo em lingüística). Como proceder? Pois, antes de construí-lo, trata-se de concebê-lo. Ora, conceber um corpus significa dotá-lo de uma direção, sendo esta pressentida pela teoria de referência e definida pela problemática inicial. Em outras palavras, convém elaborar detalhadamente um *protocolo de pesquisa* cuja função é explicitar por extenso as *condições de produção* do determinado corpus a ser constituído.

Exemplo 1.

Fui entusiasmada pela interação verbal (teoria fonte), que chamou minha atenção sobre o fato de que há rituais linguageiros quase obrigatórios para abrir/fechar um diálogo, entre os quais as fórmulas de polidez (das formas mais breves como *bom dia / até logo, por favor / obrigado* até as mais longas/inventivas/inesperadas etc.). Desta situação inicial decorre, em cascata, uma série de perguntas/escolhas, de certo não de maneira anárquica, mas sim já agrupadas em função da minha hipótese de partida ou, até, apenas de uma intuição (seja qual for, são premissas da problemática), de tal modo que são excluídas aquelas logo percebidas como não pertinentes³. Assim, para retomar o exemplo, posso fazer a hipótese segundo a qual, apesar da forte previsibilidade decorrente da forma ritualizada das trocas polidas, existe, na verdade, um número significativo de diálogos em que o roteiro escapa do esperado, ou seja, mesmo dentro dos segmentos mais ritualizados nas trocas verbais, se encontra um grande número daquilo que podemos chamar, genericamente, de desvios comunicativos, o que não deixa de chamar a atenção. Índice de proximidade, ou, ao contrário, de afastamento entre os interlocutores? Manifestação de poder, seja ele social ou imaginário? Acidente comunicativo característico dos *mal comunicandos*⁴? É o que a análise do corpus demonstrará: no momento, trata-se de refletir sobre as condições da sua elaboração, ou seja, sobre o protocolo de pesquisa.

Este poderia se apresentar da maneira seguinte:

- sabendo que se trata de trocas orais, definir se o corpus será coletado a partir de trocas implicando a presença física ou não, como é caso do telefonema (dando continuidade a nosso exemplo, vamos escolher as trocas com presença física);

- sabendo que o assunto diz respeito às fórmulas de polidez, os locais de coleta serão preferencialmente locais públicos e/ou institucionais (por razões evidentes se descartam locais privados), entre os quais, por razões de tempo bem como de diversidade potencial da natureza das formas de polidez, é melhor escolher locais tais como uma drogaria ou uma padaria (para nosso exemplo, uma padaria).

- É preciso, também, determinar o tempo reservado à coleta do corpus, ou pelo menos fazer uma previsão. Isso remete à questão da dimensão quantitativa de um determinado corpus: há, de um lado, um patamar aquém do qual não se consegue uma grau satisfatório de sistematicidade, ou seja, uma taxa satisfatória de reiteração do(s) fenômeno(s) analisado(s) e, de outro, um patamar além do qual a reiteração não traz mais informações novas.

Exemplo 2.

Suponhamos que a pesquisa pretende analisar as fórmulas de polidez entre dois países/duas culturas: os protocolos de pesquisa devem ser idênticos (por exemplo, não se poderia comparar um corpus coletado num país, num momento próximo do Natal, enquanto a elaboração do corpus acontecer, no outro país, num momento qualquer. Assim, em todos casos em que o corpus comporta vários objetos linguageiros, sua validade se consegue através da homogeneidade de geração dos mesmos. Outro exemplo: tratando-se de textos escritos de alunos da quarta série, por exemplo, o conjunto de redações deve pertencer ao mesmo tipo, já que diferem, em função do tipo de texto, as marcas enunciativas, bem como as estratégias redacionais globais.

2.3. Diferentes são os primeiros passos do projeto de pesquisa esboçado a partir da *sedução de um corpus*. Esse caso concerne maciçamente aos estudos literários: um autor me seduz, ou uma das suas obras. Decido consagrar meu projeto a esse autor: sendo esta a escolha, convém então emitir uma problemática, que decorre em geral daquilo que me seduziu⁵. Na verdade, trata-se de converter num corpus um objeto linguageiro cuja finalidade era evidentemente de outra natureza, isto é, de natureza estética (um autor não cria um corpus, mas sim uma obra). Esta conversão procede da seleção, dentro da obra, dos fenômenos, e somente dos fenômenos, suscetíveis de caber na problemática. O mesmo acontece quando são abordados vários autores ligados por uma problemática unificadora.

Percebe-se, então, a diferença no procedimento da construção do corpus em relação com o primeiro caso acima comentado. Com efeito, quando parte-se de um (ou vários) texto(s) preexistente(s), o tratamento deste(s) é dirigido pela preocupação prioritária de recortar uma forma a partir da forma global da obra (é justamente isso que faz com que tal objeto linguageiro, inicialmente com o estatuto de obra literária, mude de estatuto tornando-se corpus). E o corpus adquire validade quando os recortes deixam transparecer, dentro desta forma, aquilo que tem virtude de um sistema subjacente (seja pelo jogo de analogias, de semelhanças funcionais ou interpretativas percebidas, além -ou apesar- das diferenciações de superfície; seja pelas repetições -léxico, situação, estrutura etc.)⁶.

Assim, a validade do corpus, quando o ponto de partida é o da sedução de uma teoria, se avalia em função da demonstração de uma *sistematicidade* (cf. acima a frequência de reiterações), ao passo que, na sedução de um texto tornado corpus, se consegue pela demonstração de um *sistema*.

3. Acabamos de ver os mecanismos iniciais à pesquisa, que também direcionam a maneira como o corpus será montado. É preciso agora contemplar a conduta de pesquisa e os procedimentos de manutenção do diálogo, no *andamento* da pesquisa inovadora.

Com efeito, o desenvolvimento de uma pesquisa poderia definir-se como uma seqüência de operações que se fazem, num vaivém, do corpus para a dissertação, da dissertação para a teoria e, enfim, do corpus para a teoria. Isso tudo, norteado pela problemática. No meu entendimento, essas operações são altamente desejáveis por serem

parâmetros de controle, na medida em que consistem na reavaliação periódica de cada um dos três pólos, alternativamente, e à luz dos demais, de tal modo que, em nenhum momento, haja perigo de ruptura do diálogo. No intuito de visar uma pesquisa inovadora, parece-me imprescindível o tratamento da teoria e do corpus, não meramente enquanto mediadores, mas sim enquanto motores. A meu ver, a possibilidade desse procedimento passa pela manutenção de uma confrontação recorrente entre os três pólos.

Para esclarecer o que isto significa na concretude da pesquisa em andamento, vejamos, a título de contra-exemplos, dois procedimentos constantes e, por assim dizer, obrigatórios na vida acadêmica do pesquisador, a saber, o estabelecimento de um cronograma e o índice da dissertação.

3.1. Muitas vezes, o pesquisador se beneficia, no Brasil, de uma bolsa concedida por um órgão financiador que, com toda razão, exerce em contrapartida um controle no que concerne o prosseguimento adequado da pesquisa. Uma das formas de controle remete ao cronograma, para o qual pede-se recortar o prazo, inicialmente estabelecido, em períodos de atividades. Qualquer que seja a duração de tal ou tal período, o cronograma nunca escapa do seguinte roteiro: 1- Pesquisa bibliográfica; 2- Constituição do corpus; 3- Redação da dissertação. Ora, esta ordenação - na verdade muito prática e *mutatis mutandis* tranquilizadora - descruza, isola e por fim, simplifica por demais atividades que, apesar de serem distintas, não deixam de se aproximar muito mais, quando entrecruzadas, da realidade de uma conduta de pesquisa. Entretanto, o ponto sensível da questão se encontra menos na formalização do cronograma tal como é pedido, e aceito, pelo órgão financiador, quanto nas inferências acarretadas por esta formalização. Pois, de fato, verifica-se quase sempre, em particular da parte do pesquisador iniciante, uma crêça quase absoluta na seqüencialização dos períodos de atividades conforme o cronograma, tornando-a modelo absoluto e inquestionável que é, portanto, preciso aplicar.

O outro procedimento remete ao plano da pesquisa, que dificilmente pode escapar da seguinte apresentação: 1- Embasamento teórico; 2- Metodologia; 3- Análise. Mais uma vez, por mais coerente que seja, esta apresentação não dá conta, e não deve dar conta, da realidade da conduta em pesquisas - pelo menos, daquela desejável. Em outras palavras, não se pode confundir uma apresentação ordenada que não é outra coisa do que *uma reconstrução, uma reelaboração de um percurso*, com o *próprio percurso*.

3.2. Seja quanto à cronologização no caso do cronograma, seja quanto à estruturação, no caso do plano da dissertação, além de os três pólos ficarem estanques, a redação vem por último. Acontece que, ao seguirmos esta seqüencialização, vamos na contracorrente de todos os procedimentos de tratamento bem como da produção do saber⁷; isto porque a redação designa-se como o verdadeiro motor do pensamento, ou seja, do tratamento das leituras bem como da análise do corpus. Mallarmé disse que “Devant le papier, l'écrivain se fait” (em face da folha, o escritor faz-se): da mesma maneira, pode-se dizer que, à medida que vai escrevendo, o pesquisador se constitui enquanto tal, pois o diálogo se estabelece e se formaliza em nenhum outro momento que não no movimento da escrita. Assim sendo, este processo proporciona a objetivação dos conhecimentos factuais (correspondentes a: eu sei que) e a concretização dos conhecimentos procedurais (correspondentes a: eu sei como).

Para finalizar, direi que ao longo do tempo da pesquisa deve ser mantido o monitoramento desse diálogo. De certo, é necessário criar momentos de insegurança (no entanto, de menor impacto em relação com a estratégia da seqüencialização, que pede do pesquisador passar de um momento de mero receptor passivo a um período de puro

produtor, o que é difícil), pois nesse processo, pode-se até chegar a modificar seja a problemática, seja o corpus, seja as referências teóricas. É, justamente, no mergulho da redação que isto se verificará.

Notas

¹ Metodologia quer dizer, seguindo a etimologia, o caminho trilhado para chegar a um objetivo.

² Visto minha proposta, não levo em consideração, aqui, outros motivos de ordem profissional e/ou institucional.

³ Isto não significa que não possa ter um momento, de duração variável, de latência, ou de hesitações.

⁴ Estou tomando emprestada a expressão, adaptando-a para situações de trocas verbais, de um artigo (cujas referências perdi...) publicado numa revista francesa em torno dos anos 1990, que avançou a noção interessante de *mal comunicandos* (em francês: les mal communicants), referindo-se às pessoas que, apesar de saberem ler e escrever, dificilmente conseguem entender os vários escritos a elas dirigidos (carta administrativa, formulário a ser preenchido etc.) e, conseqüentemente, expressar-se adequadamente em uma determinada situação de comunicação.

⁵ Não falei dos cuidados a serem tomados quanto à problemática, como tomar ciência das monografias que dizem respeito ao autor escolhido para certificar-se de que ainda não foi abordada ou, se for o caso, é preciso saber em que medida minha pesquisa tentará acrescentar ou modificar a primeira.

⁶ O sistema, na verdade, é formado pelo encontro de um sistema potencial – na materialidade da obra - e de um sistema elaborado pelo pesquisador.

⁷ É no movimento entrecruzado de um lado, das leituras da bibliografia e do corpus, e de outro, da redação, que existe a possibilidade não só de uma problemática se formular, mas também de manter um verdadeiro diálogo entre teoria, corpus e análise/redação. Análise/redação: os dois termos são as duas faces duma mesma moeda.